

## CONSTRUÇÃO COMPLEMENTAR CONTRASTIVA

Marcos Luiz Wiedemer<sup>1</sup>

Ana Carolina Felipe Bittencourt<sup>2</sup>

**RESUMO:** A partir do arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; DIESSEL, 2023) e da Abordagem Socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020), centramo-nos na investigação da construção complementar contrastiva, que combina dois elementos que, ao mesmo tempo, se complementam e se contrastam. Para tanto, nosso foco recai sobre as microconstruções “qualquer modo”, “qualquer forma” e “qualquer maneira”, no português brasileiro. Para a análise, são considerados dados extraídos da Amostra Now, do Corpus do Português. Os resultados gerais apontam que essas microconstruções, que são intercambiáveis, mas têm funções discursivas e pragmáticas específicas, são utilizadas para especificar, enfatizar ou corrigir uma informação ou ainda, mostrar que uma informação é mais importante que outra.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa; Gramática de Construções Baseada no Uso; Construção Complementar Contrastiva; Abordagem Socioconstrucionista.

## COMPLEMENTARY CONTRASTIVE CONSTRUCTIONS

**ABSTRACT:** Using the theoretical framework of Usage-Based Construction Grammar (GOLDBERG, 2006; DIESSEL, 2023) and the Socioconstructionist Approach (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020), we focus on the investigation of the contrastive complementary construction, which combines two elements that complement and contrast each other at the same time. To this end, we focus on the microconstructions ‘qualquer modo’, ‘qualquer forma’ and ‘qualquer maneira’ in Brazilian Portuguese. For the analysis, data extracted from the Now Sample of the Corpus of Portuguese is considered. The general results show that these micro constructions, which are interchangeable but have specific discursive and pragmatic functions, are used to specify, emphasise or correct information or to show that one piece of information is more important than another.

**Keywords:** Portuguese Language; Grammar of Usage-Based Constructions; Contrastive Complementary Construction; Socioconstructionist Approach.

---

<sup>1</sup> Professor Associado (linguística) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, área de concentração: Estudos Linguísticos. Procientista. Bolsista CNPq/Faperj. <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030> *E-mail:* mlwiedemer@gmail.com.

<sup>2</sup> Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá. Atualmente é Assistente de Estudos e Pesquisa do Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ (FAPERJ). <https://orcid.org/0009-0000-7157-6099> *E-mail:* aninhacfb86@yahoo.com.br

## Introdução

Neste artigo, o tema de discussão é a Construção Complementar Contrastiva (doravante, CCC), que combina dois elementos que, ao mesmo tempo, se complementam e se contrastam, como ilustrado no exemplo (01):

(01) *“O senhor é favorável à descriminalização das drogas de um modo geral? Eu prefiro não falar, porque não votei ainda. Mas, **de qualquer maneira**, a legislação brasileira evoluiu bastante no sentido de distinguir para fins penais o usuário do traficante”.*

**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/epoca/decano-do-stf-quer-que-congresso-descriminalize-uso-de-drogas-23685583>. Acesso em 10 fev. 2025 (Corpus Now).

Como se pode observar em (01), há a ocorrência da construção complementar contrastiva “de qualquer maneira”, em que a segunda parte do enunciado — *“a legislação brasileira evoluiu bastante no sentido de distinguir para fins penais o usuário do traficante”* — apresenta um conteúdo de maior importância do que a primeira parte — *“Eu prefiro não falar, porque não votei ainda”*. Assim, temos que, na função interpessoal<sup>3</sup>, a primeira parte evita a exposição direta da opinião (preservação da face). Já na função ideacional, a segunda variável apresenta uma informação objetiva e socialmente mais segura, desviando o foco para uma constatação sobre a legislação. Dessa forma, observa-se um jogo entre “atenuação”, na primeira parte, e “destaque”, na segunda. Acrescenta-se ainda que, na segunda parte, o uso de “mas” opera como um marcador discursivo que redireciona o foco para a segunda variável, conferindo-lhe maior importância ideacional.

Sintaticamente, temos, na primeira parte, uma construção subordinada adverbial causal — ou seja, apresenta-se a causa de não falar: não ter votado. Já na segunda parte, ocorre uma construção coordenada adversativa, representada pela conjunção “mas”, seguida do adjunto adverbial de concessão “de qualquer maneira”. Essa expressão desempenha a função de introduzir uma ideia contrastante, mas complementar ao que foi dito anteriormente — ou seja, promove uma atenuação ou relativização do primeiro trecho.

---

<sup>3</sup> A função ideacional diz respeito à maneira como a linguagem representa a experiência do mundo, tanto o externo (eventos, ações, estados) quanto o interno (pensamentos, emoções, cognição). Já a função interpessoal expressa relações sociais, atitudes e interações entre os participantes do discurso (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014).

Assim, há continuidade discursiva com sentido de independência relativamente à circunstância anterior. A expressão "de qualquer maneira" contribui para reduzir a importância da primeira proposição (a recusa em falar) e ressaltar o conteúdo mais relevante da segunda proposição (a evolução da legislação).

Nosso objetivo, portanto, é analisar os elementos linguísticos da CCC que ativam a função de contraste complementar. Para tanto, selecionamos as seguintes microconstruções: “qualquer modo”, “qualquer forma” e “qualquer maneira”, considerando o arcabouço teórico-metodológico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; DIESSEL, 2023, entre outros).

A análise foi realizada com base em dados extraídos do *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org>), um banco de dados voltado para pesquisas sobre a língua portuguesa, que disponibiliza construções do português brasileiro, português europeu e português angolano. Na nossa análise, consideramos a Amostra Now do português do Brasil, referente ao período de 2012 a 2019, e examinamos os dados quanto a seus atributos morfossintáticos e semântico-discursivos. A metodologia aplicada é de natureza qualitativa.

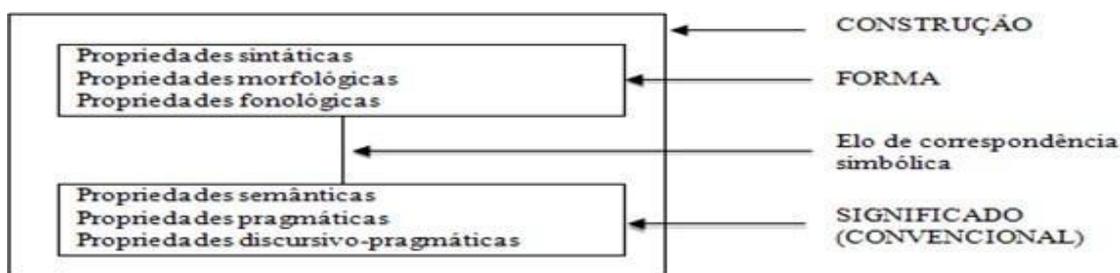
### **Base teórica: a Gramática de Construções Baseada no Uso**

A Gramática de Construções Baseada no Uso abarca converge a partir de princípios fundamentais: a existência independente das construções como unidades simbólicas (GOLDBERG, 2006); a representação uniforme da informação gramatical (CROFT, 2001); e a organização taxonômica das construções na linguagem (DIESSEL, 2023). À luz dessa teoria, o conceito de “construção” adquire o status teórico de unidade básica do conhecimento linguístico, representando uma relação simbólica entre forma e significado (forma <-> significado). Trata-se de um constructo mental (Gestalt), estabelecido na comunidade linguística e armazenado na mente dos falantes como uma estrutura holística (GOLDBERG, 2019). Isso implica que a linguagem é composta por um sistema de construções interconectadas e armazenadas no *constructicon* (GOLDBERG, 1995), estruturando-se em redes taxonômicas.

Assim, as generalizações linguísticas são representadas por construções que se manifestam em diferentes graus de abstração, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões parcialmente preenchidos lexicalmente e padrões linguísticos

completamente abstratos. Dessa forma, qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto da sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das suas partes componentes ou de outras construções já reconhecidas. Além disso, as construções são unidades que combinam informações sintáticas e fonéticas (forma) com informações semânticas, contextuais ou discursivas (função), conforme a representação proposta por Croft (2001).

**Quadro 01.** Esquema da construção



Fonte: Croft (2001, p. 18).

De acordo com Goldberg (2006), a principal vantagem da abordagem construcionista é sua “adequação descritiva”, que permite abranger tanto as generalizações linguísticas quanto as idiosincrasias. Sob essa perspectiva, a língua é concebida como uma entidade holística, na qual nenhum dos níveis da linguagem é autônomo ou “nuclear”; ao contrário, todos os níveis operam simultaneamente em uma construção.

Assim, assume-se a concepção de uma rede de construções organizadas hierarquicamente numa estrutura chamada *constructicon*, na qual as construções são distribuídas a partir das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade refere-se ao grau de abstração e generalização, isto é, à convencionalidade do pareamento forma-sentido da construção, que pode assumir um significado mais geral ou mais específico. A produtividade está relacionada ao grau de generalidade, regularidade e extensibilidade (BARÐDAL, 2006); e a composicionalidade, à associação transmodal entre forma e função. Essas propriedades são avaliadas por meio da correspondência — ou da ausência dela (match/mismatch) — entre forma e função (forma <-> função). Além disso, os processos de analogização e neoanálise são mecanismos que atuam na mudança linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), sendo capturados por meio de relações de herança.

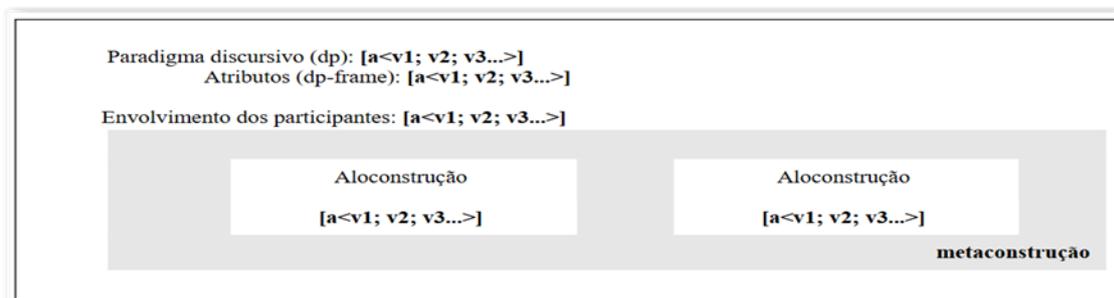
De igual modo, apoiamo-nos na Abordagem Sociostrucionista (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020), que integra a análise de tipos de variação ao arcabouço teórico da GCBU. Como consequência, a abordagem prevê diferentes tipos de variantes, compreendidas a partir de: (i) variação por aloconstruções e metaconstrução (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018); (ii) variação por semelhança simbólica (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020); e (iii) variação por paradigma/padrão discursivo (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2022). Essas variantes são descritas a partir de duas premissas teóricas:

- (i) variação e/ou alinhamento entre construções independentes; e
- (ii) variação por compatibilização de (co)lexemas a *slots* de construção.

Machado Vieira e Wiedemer (2020) propõem que a área subespecificada seja compreendida como uma metaconstrução, inspirados na concepção de *constructeme* (cf. PEREK, 2015). Essa metaconstrução é concebida por meio da analogia e da conceptualização dos elementos que a compõem em um espaço comum de generalização. Tal processo pode ocorrer tanto por similaridade configuracional entre aloconstruções (inspirado em CAPPELLE, 2006), quanto por semelhança simbólica entre padrões construcionais distintos, decorrente de um evento analógico.

Além disso, os autores associam às aloconstruções a noção de valores e atributos, conforme proposto por Leino e Östman (2005). Isso implica que a compreensão da variação entre construções não depende apenas da estrutura subespecificada, mas também dos valores de atributos que cada construção apresenta de forma mais sistemática e recorrente. Esses valores de atributos operam dentro de um ambiente sócio-discursivo-pragmático, que influencia a atualização e o processamento do pareamento forma-função — tendo em vista que tais relações têm potencial de se (re)configurar na experiência de uso.

Esses valores de atributos, que na Sociolinguística correspondem aos chamados fatores ou grupos de fatores/variáveis, são essenciais para compreender como diferentes construções são mais ou menos probabilisticamente utilizadas em determinados contextos específicos, como ilustrado no esquema (01).

**Esquema 01.** Representação da variação – Abordagem Socioconstrucionista

**Fonte:** adaptado de Machado Vieira e Wiedemer (2020) e Wiedemer e Machado Vieira (2022).

No esquema (01), o retângulo em tom cinza representa a metaconstrução. Dentro desse espaço, são identificadas as aloconstruções, cujos valores associados aparecem indicados entre colchetes, na forma “[a < v1; v2; v3 >]”, em que “a” se refere ao atributo e “v” aos valores possíveis desse atributo. Adicionalmente, os autores relacionam essa representação à noção de paradigma discursivo (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2022), simbolizado como (*dp*), o qual evoca um cenário discursivo prototípico (*dp-frame*). Nesse cenário, a expectativa de ativação de determinado padrão construcional articula-se com a construção textual, comumente caracterizada por certos gêneros ou tipos textuais (entre outras possibilidades, cf. MACHADO VIEIRA; WIEDEMER; CAVALCANTE, 2024). Tais gêneros ou tipos textuais também são representados por atributos (a) e valores (v), reforçando a ideia de que o pareamento forma-função se atualiza em contextos socialmente situados e influenciados por convenções textuais.

### Caracterização da Construção de Constraste

Concebemos o contraste como uma relação de natureza linguístico-cognitiva que, fundamentada em representações mentais, resulta da percepção de diferença, incompatibilidade ou conflito entre entidades de algum modo comparáveis. A partir dessa concepção, entendemos que as relações de contraste não existem a priori no mundo sociofísico, mas emergem da interpretação subjetiva de falantes e escreventes, que avaliam estados de coisas e constroem entre eles relações contrastivas (SWEETSER, 1991; RUDOLPH, 1996; LANG, 2000; MAURI, 2008, entre outros).

Assim, o contraste pode ser definido como o ato de distinguir ou ser distinguido pela comparação de qualidades diferentes ou opostas. Esse fenômeno é essencial para a cognição humana, dado que os seres humanos têm uma tendência natural à dicotomização

(KELSO, 2008; LINDQUIST et al., 2011). Desse modo, a comparação constitui o fator-chave de um grupo de construções que formam uma família construtiva, cuja base de significado é uma relação de oposição entre dois ou mais estados de coisas, entidades ou atributos de entidades no mundo (ou em um mundo possível). Ambas as cláusulas (ou segmentos do discurso) referem-se a situações ou temas relacionados, mas implicam uma contradição.

As construções de contraste, portanto, são aquelas em que se pode perceber “uma diferença, incompatibilidade ou conflito entre entidades de algum modo cotejáveis” (LONGHIN; FERRARI, 2020). A noção de contraste é geralmente explicitada semanticamente e costuma ser construída por meio de conjunções adversativas e concessivas, embora também seja possível expressar contraste em orações assindéticas (Rudolph, 1996).

A literatura linguística reconhece diferentes nuances contrastivas (LAKOFF, 1971; DUCROT, 1977; NEVES, 1984; RUDOLPH, 1996; LANG, 2000; HASPELMATH, 2004; MAURI, 2008), havendo consenso quanto à existência de três tipos principais: (i) oposição semântica – predicados paralelos com antônimos semânticos (ex.: *O cão é apegado ao dono, mas o gato é apegado à casa.*); (ii) correção – o segundo membro refuta explicitamente e corrige o primeiro (ex.: *Ele não é inteligente, mas esperto.*); e (iii) quebra de expectativa – os conteúdos das orações remetem a conclusões diferentes e com pesos argumentativos distintos (ex.: *Ele ficou preso no trânsito, mas conseguiu chegar.*)

Longhin e Ferrari (2020), ao analisarem a emergência contrastiva de “enquanto (que)” e “agora” — esta última oriunda do valor comparativo com os significados temporais — mostram, em viés diacrônico, uma codificação crescente desses elementos ao longo do tempo. Já sob um viés sincrônico, observam-se construções que convivem com graus variáveis de codificação e inferência. Esses achados dialogam com a proposta de Kortmann (1997), segundo a qual relações temporais são fontes produtivas para significados causais, condicionais e contrastivos, dada a forte afinidade semântico-cognitiva entre esses domínios.

A noção de quebra de expectativa é elemento constante nas relações de contraste. Como observa Castilho (2014), “o que é dito no segundo termo contraria as expectativas geradas no primeiro”. Essa quebra resulta da orientação argumentativa dada ao discurso por parte do falante (DUCROT, 1977 *apud* LONGHIN, 2003). Nesse sentido, os usuários

da língua mobilizam recursos gramaticais para realizar propósitos comunicativos, inclusive argumentativos, selecionando elementos que contribuem para o efeito de contraste desejado.

Sobre isso, Pezatti e Thomazi (2008, p. 919) comentam que o contraste resulta de “uma quebra de expectativas entre os segmentos A e B, percebida como negação, desigualdade, contrariedade, rejeição, não realização de uma relação de causa e efeito ou curso inesperado de evento”. Segundo Azeredo (2011), o valor contrastivo pode derivar de: (i) uma oposição simples entre dois conteúdos; (ii) uma quebra de expectativa provocada pela primeira proposição; ou (iii) um foco contrastivo atribuído a determinadas circunstâncias.

Dias (2022), em pesquisa sobre o tema, apresenta uma rede construcional contrastiva. De um lado, há a construção com a conjunção paratática prototípica “mas”; de outro, construções menos prototípicas como “acontece que”, “logo X”, “enquanto que”, “agora X”, “já X”, “até X”, que combinam valor contrastivo com funções de focalização. Tais elementos são considerados não prototípicos na categorização dos conectores contrastivos.

Bechara (2009, p. 397) define as conjunções adversativas como aquelas que “enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas”. Ou seja, ao unir duas orações que não se complementam, é possível recorrer a esse tipo de conjunção. Azeredo (2011, p. 305) acrescenta que a adversativa “expressa basicamente um contraste entre dois fatos ou ideias”. Já a concessiva indica que “um certo fato ou ideia é representado como um dado irrelevante para o conteúdo do restante do enunciado” (p. 333). Assim, compreende-se por que as conjunções adversativas pertencem à coordenação e as concessivas, à subordinação: nesta última, a oração subordinada traz uma informação apresentada como secundária ou irrelevante frente à oração principal.

### **Construção complementar contrastiva**

As construções complementar-contrastivas são aquelas que articulam dois elementos que, simultaneamente, se complementam e se contrastam. Elas expressam uma relação de oposição entre conceitos, ideias ou situações que, embora distintos, são conectados de maneira a completar o sentido um do outro. Esse tipo de construção ocorre

em diversas línguas e, no português, manifesta-se por meio de conjunções, locuções adverbiais ou outras estruturas que indicam oposição (ERVITI, 2017).

Segundo Erviti (2017), no âmbito da família de construções discursivas complementar-contrastivas, é possível identificar dois tipos principais de significado: (i) construções em que o conteúdo da segunda variável assume maior importância — seja porque dar ênfase à primeira pode ser indesejável do ponto de vista da função interpessoal da linguagem, seja porque a segunda variável é, de fato, mais relevante no plano ideacional; e (ii) construções que atuam como mecanismos de correção ou modificação de um enunciado, independentemente de sua força ilocutória, alterando parcial ou totalmente seu conteúdo ou ainda especificando-o.

### O papel do pronome “qualquer”

O vocábulo *qualquer* é classificado como um pronome que, do ponto de vista semântico, expressa uma noção de indefinição — seja pela escolha deliberada de não se especificar algo, seja pela impossibilidade de fazê-lo. Assim, integra a classe dos pronomes indefinidos, caracterizados justamente pelo uso em contextos em que não se pretende detalhar ou precisar a referência discursiva.

Em termos de função sintática, o uso mais recorrente de *qualquer* ocorre em sintagmas nominais, com comportamento adjetival, atuando como adjunto adnominal, como se observa em expressões como *qualquer pessoa* ou *qualquer lugar*, em que qualifica o substantivo sem delimitá-lo. No entanto, o pronome também pode assumir um comportamento substantivado, funcionando como núcleo do sintagma nominal, como em *Ele é um qualquer*, em que expressa uma referência genérica e desprovida de especificidade.

Além disso, *qualquer* pode carregar diferentes nuances discursivas, como generalização (*Qualquer um pode participar*), indiferença (*Pode ser qualquer cor*) ou depreciação (*Ele é apenas um qualquer*).

Segundo Neves (2011), os pronomes indefinidos não exercem a função de retomar uma ideia previamente mencionada no discurso. No caso específico de *qualquer*, seu uso anteposto pode ocorrer tanto no singular quanto no plural. Em enunciados afirmativos, o termo implica uma escolha não realizada (ou seja, uma seleção aleatória); já em contextos negativos, equivale a *nenhum* (p. 552–553). A autora também descreve construções

específicas em que *qualquer* aparece acrescido de expressões como *coisa de <adjetivo>* — indicando surpresa ou estranhamento sobre algo anteriormente mencionado — ou *coisa*, seguida de construções como *entre + SN quantificado + e + SN quantificado*, para expressar quantidade, tempo ou qualidade de forma inexata (p. 554). O uso com o indefinido *um* também é destacado, especialmente para referências a pessoas. Ainda segundo Neves, *qualquer* pode ocorrer anteposto ou posposto a um artigo indefinido, formando sintagmas com sentido de indefinição ou indiscriminação (p. 555).

Bechara (2009) define os pronomes indefinidos como vocábulos “que se aplicam à 3ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada” (p. 201). Ele classifica *qualquer* como pronome indefinido adjetivo — pois funciona como adjunto adnominal — e observa que sua variação se dá apenas em número (p. 202). Mais adiante, relaciona *qualquer* à categoria dos pré-determinantes, que podem ser chamados genericamente de quantificadores (p. 500).

Para Azeredo (2011, p. 179), pronomes indefinidos são palavras gramaticais de significação imprecisa e não dêitica que integram o sintagma nominal. O autor lista *qualquer*, juntamente com *qual*, como pronomes que variam apenas em número.

Castilho (2014), por sua vez, adota uma terminologia distinta, classificando *qualquer* como um *quantificador indefinido*. Sintaticamente, o termo funciona como *especificador do sintagma nominal* (p. 505), sendo flexionável e passível de movimentação dentro do sintagma — aspecto que pode alterar seu sentido (p. 506). Segundo o autor, os sintagmas formados com *qualquer* são considerados *sintagmas nominais indeterminados* (p. 508).

Já Garcia (2010) observa que *qualquer* exprime um ser ou coisa indeterminada, possuindo caráter distributivo, isto é, indica um ser dentro de um conjunto de seres idênticos, sem nenhuma caracterização individual.

Nota-se, portanto, que as diferentes definições convergem ao enfatizar o caráter indefinido do pronome *qualquer*. Ainda que nem todos os autores explorem em detalhes os contextos de uso, é possível afirmar que o termo pode figurar tanto como adjunto adnominal — posição mais comum — quanto como núcleo do sintagma. Em casos de substantivação posposta a um artigo indefinido (*um qualquer*), observa-se, frequentemente, uma carga depreciativa. Além disso, *qualquer* é amplamente empregado para expressar quantificação indefinida ou aproximada, reforçando a sua versatilidade sintática e discursiva.

## Análise e discussão dos dados

Inicialmente, realizamos um levantamento dos usos no *Corpus do Português*, categoria NOW, a fim de verificar a frequência de construções complementar-contrastivas no português brasileiro formadas pelo esquema [qualquer X]. Foram pesquisadas as microconstruções “qualquer maneira”, “qualquer modo” e “qualquer forma”. Outras possíveis equivalências incluem “qualquer jeito”, “qualquer caso”, “qualquer situação”, entre outras, que pretendemos desenvolver em pesquisas futuras. Neste momento, nosso objetivo é realizar uma análise qualitativa com o propósito de caracterizar a temática em pauta e oferecer novas possibilidades de investigação.

Iniciamos, portanto, a análise do uso da microconstrução “qualquer maneira”, conforme os exemplos (02) e (03), a seguir:

(02) *“Ainda não se sabe quantos dos 1,5 bilhão de usuários do WhatsApp foram vítimas dos hackers. Eles instalaram tecnologia de vigilância muito semelhante a uma desenvolvida pelo Grupo NSO de Israel, que o torna o principal suspeito. De **qualquer maneira**, a empresa pede para que todos os usuários ao redor do mundo façam atualização por precaução”*.  
**Fonte:** Infomoney. Acesso em 10 de fevereiro de 2025 (Corpus NOW).  
<https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/gadgets/noticia/8310528/whatsapp-sofre-ataque-hacker-todos-os-usuarios-devem-atualizar-o-app>

(03) *“Sou muito grata às redes sociais! Acho que deram um espaço muito mais democrático. Deram espaço para as pessoas que não conseguiam se inserir em nichos, como a moda e o entretenimento, que eram difíceis de entrar. Fico feliz de ver muitas pessoas se destacando e se descobrindo através das redes sociais. Foi uma forma de poder mostrar quem eu sou. Sempre trabalhei na Rede Globo, onde fazia personagens. Quando apresentei o Vídeo Show fui muito eu, então as pessoas começaram a me descobrir enquanto Giovanna. Mas, de **qualquer maneira**, não podia falar da maneira que eu falo. Hoje, com um canal, tenho muita autonomia de falar o que quero, da maneira como quero, e isso é muito libertador, revelou”*.  
**Fonte:** TV Foco. Acesso em 10 de fevereiro de 2025 (Corpus NOW).  
<https://www.otvfoco.com.br/pai-de-giovanna-ewbank-revela-que-ama-mais-a-neta-do-que-a-filha-amor-e-maior-pela-neta/>

Em (02), a expressão “de qualquer maneira” inicia uma recomendação aos leitores, funcionando como conector discursivo que retoma e relativiza a informação anterior — a de que ainda não se sabe quantos usuários foram atingidos pelo ataque hacker. Mesmo diante dessa incerteza, a ação recomendada permanece válida: atualizar o aplicativo. Assim, a expressão redireciona o foco para o conteúdo subsequente e atribui maior relevância à orientação prática fornecida pela empresa. Do ponto de vista da função

ideacional, percebe-se que o mais importante, na perspectiva do texto, não é identificar o responsável pelo ataque, mas sim orientar os usuários sobre como se proteger. Dessa forma, a construção contribui para minimizar o impacto da incerteza e reforça o caráter prático do enunciado.

Em (03), a entrevistada constrói uma gradação em sua trajetória midiática: inicialmente, fazia personagens; depois, no *Vídeo Show*, pôde se mostrar mais; e atualmente, nas redes sociais, expressa-se com total liberdade. O contraste emerge com a expressão “de qualquer maneira”, que relativiza a conquista anterior — ainda que tenha se mostrado mais autêntica no programa, não possuía total autonomia discursiva. A conjunção “mas” introduz oposição explícita entre os dois contextos, e a expressão concessiva “de qualquer maneira” atua como atenuador, suavizando o contraste ao mesmo tempo, em que evidencia uma limitação importante. Nesse sentido, a construção reforça a coesão do texto, organiza a progressão temática e permite à entrevistada negociar sentidos de forma equilibrada, reconhecendo avanços, mas também ressaltando restrições à sua liberdade de expressão no contexto anterior.

Passamos, agora, a observar os exemplos (04) a (06), com o uso da microconstrução “qualquer modo”, conforme.

(04) “*Essa medida é uma bomba atômica. Ela legítima e autoriza a violência, que já existe, mas também impede e mobiliza populações a acionarem determinados mecanismos que funcionavam para elas. É golpe cruel e violento demais para populações que sofrem muito. Esse novo contexto vai exigir muita mobilização política dos índios. De qualquer modo, o estrago a curto prazo pode ser enorme, avalia o antropólogo Leif Grunewald*”.

**Fonte:** <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/saiba-mais-sobre-aldeia-maracana-alvo-de-ataques-no-rio-de-janeiro-por-mariana-pitasse/>.

Acesso em 10 de fevereiro de 2025 (Corpus Now).

(05) “*Para não perder o direito à suplência, o administrador de Vicente Pires, Daniel de Castro, deve assumir a cadeira no Legislativo por cerca de 15 dias. A formalidade foi acordada com o governador, que pretende mantê-lo na administração por mais tempo. Vicente Pires está em obras. No local, os transtornos são evidentes, e são constantes as críticas dos motoristas que transitam pela região. De qualquer modo, sua condução é elogiada. Muitos entendem que os problemas são momentâneos e, no final, as obras trarão benefícios à população*”

**Fonte:** <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/do-alto-da-torre/pecunias-modificacao-duvidosa/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2025 (Corpus Now).

(06) “*Os peritos não souberam determinar se a morte da criança ocorreu quando ela foi deixada sozinha para o pai ir à festividade, ou se ocorreu após a morte do jovem. De qualquer modo, ela foi vítima de falta de cuidados que todo bebê de 11 meses necessita, disse*”.

**Fonte:** <https://www.maisgoias.com.br/cidades/bebe-encontrado-morto-em->

piranhas-foi-vitima-de-inalacao-de-leite-afirma-delegado/. Acesso em 10 de fevereiro de 2025 (Corpus Now).

Em (04), o emissor critica uma medida, esmiuçando o que pode acontecer. No final da fala, “de qualquer modo” enfatiza e resume que pode haver muito estrago devido à medida. A última frase tem grande importância, pois sintetiza todo o raciocínio. Assim, a construção “de qualquer modo” atenua e minimiza a ênfase na violência e as suas implicações imediatas. Dessa forma, a segunda parte do enunciado, que se refere ao “estrago a curto prazo”, recebe maior importância. Esse componente é colocado como um aspecto mais relevante da discussão, pois estabelece a consequência de longo prazo, implicando um impacto mais abrangente e de maior peso. Além disso, “de qualquer modo” funciona como adjunto adverbial de concessão, introduzindo uma ideia de suavização ou atenuação, colocando uma nuance de relativização no discurso. Essa expressão sugere que, independentemente das circunstâncias ou justificativas, o estrago a curto prazo se mantém como uma preocupação relevante.

Em (05), é explicado que a região de Vicente Pires está em obras, e, por isso, há muitas críticas dos motoristas. “De qualquer modo” introduz uma informação discrepante, dizendo que a administração é elogiada, acrescentando que muitas pessoas veem os problemas como momentâneos e necessários à melhoria da região. Dessa forma, “de qualquer modo” cumpre a função de introduzir uma concessão, criando uma relação de contraste entre os aspectos negativos (transtornos e críticas) e a avaliação positiva da administração. O contraste é: (i) os transtornos e críticas gerados pelas obras; e (ii) a avaliação positiva da condução do administrador, que é destacada apesar das dificuldades.

Em (06), diferentemente dos exemplos anteriores, o enunciado se enquadra na classificação (ii) proposta por Erviti (2017), ou seja, “construções que corrigem ou modificam os elementos de conteúdo de um enunciado, qualquer que seja sua força ilocutória, alterando todo ou parte dele ou especificando-o”. Assim, “de qualquer modo” aqui tem a função de modificar e especificar a ideia previamente apresentada, corrigindo ou adicionando uma nuance à dúvida sobre o momento exato da morte da criança. Ao dizer “de qualquer modo, ela foi vítima de falta de cuidados que todo bebê de 11 meses necessita”, o enunciado está enfatizando que, independentemente das circunstâncias exatas, o ponto crucial é a falta de cuidados adequados à criança, sendo o aspecto mais importante da situação.

O contraste aqui é reconfigurado pela expressão "de qualquer modo", que atua como um operador discursivo de atenuação do contraste inicial e reforço da conclusão. O foco sai da disputa entre hipóteses e vai para o fato irrefutável da negligência, o que gera uma reestruturação discursiva que mantém o contraste, mas redireciona a interpretação do enunciado.

Analisamos, por fim, os enunciados (07) e (08), com a microconstrução “qualquer forma”. Vejamos, inicialmente, os exemplos.

(07) *"Neste sábado, ao término do jogo final da categoria Sub 8, disputado entre Chute Inicial Corinthians Salvador e Inter Academia, dois pais de atletas do Chute Inicial Corinthians Salvador foram pedir esclarecimentos à arbitragem de forma acalorada, por não concordarem com sua atuação durante o jogo. Para tentar ajudar a acalmar os nervos, um pai de atleta da Inter Academia, que é policial, foi em direção aos mesmos, mas, no caminho, deixou cair sua arma no chão. O mesmo pegou sua arma e guardou-a, mas alguns presentes se assustaram ao ver o pai com a arma e imaginaram haver algum perigo, gerando um alvoroço no local. Nesta situação, algum dos presentes chamou a Polícia Militar, que foi até o local e repassou o ocorrido. Tudo estava normalizado e foi esclarecido. Após o fato, houve a premiação normal de todas as equipes. De **qualquer forma**, pedimos desculpas pelos acontecimentos ocorridos dentro de nosso espaço".*

**Fonte:** <https://www.bahianoticias.com.br/esportes/noticia/51700-escolinha-do-corinthians-explica-confusao-com-arma-de-fogo-durante-final.html>.

Acesso em 10 de fevereiro de 2025 (Corpus Now).

(08) *"O general Keane disse que não está claro se o comandante que ordenou o abate estava operando dentro de sua autoridade para fazê-lo. Mas, de **qualquer forma**, segundo ele, Trump ficou impressionado por possivelmente arriscar uma escalada perigosa motivada por uma ação que não seria um ataque sob ordens dos principais líderes do Irã".*

**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/mundo/conselhos-de-apresentador-da-fox-news-ajudaram-trump-cancelar-ataque-ao-ira-diz-nyt-23757273>. Acesso em 10 de fevereiro de 2025 (Corpus Now).

Em (07), é narrada uma confusão ocorrida em um jogo de futebol infantil. Esse trecho é da nota oficial da escolinha de futebol sobre o acontecido. Após o relato, temos “de qualquer forma” para acrescentar as escusas da instituição. Com isso, cria-se um contraste entre o relato de normalização da situação e a necessidade de um pedido de desculpas. O pedido de desculpas é, então, apresentado como uma atitude sensata e necessária, independentemente de os fatos terem sido esclarecidos e normalizados. Por conseguinte, "de qualquer forma" atua como um operador discursivo que minimiza o impacto da primeira variável (a normalização) e realça a importância da segunda (o pedido de desculpas). Isso pode ser confirmado pela função sintática de adjunto adverbial

de modo, em que modifica a oração inteira, influenciando a interpretação pragmática e a orientação argumentativa do discurso.

Já em (08), a notícia é sobre a desistência de Trump de uma ofensiva após um drone americano ser abatido pelo Irã. O que deixou Trump impressionado foi a ameaça à vida de pessoas por causa do abate de um drone. Assim, o que esse parágrafo explicita é que não se sabe se o comandante que ordenou o abate podia realmente autorizá-lo. Ainda assim, esse fato não foi de muita importância para que Trump tomasse a decisão de não responder ao abate, já que o tal comandante não era um dos principais líderes do Irã. Nesse caso, “de qualquer forma” está sendo utilizada para acrescentar que Trump não concordava com o ataque ao Irã porque, além de ser muito perigoso, não seria uma resposta aos principais líderes desse país.

O contraste se dá entre a dúvida inicial sobre a legitimidade da ação do comandante (“não está claro se o comandante [...] estava operando dentro de sua autoridade”) e o foco no impacto sobre Trump, independentemente dessa incerteza (“Trump ficou impressionado...”). A construção funciona como um recurso linguístico que minimiza a importância da incerteza inicial e redireciona a atenção para o efeito (a reação de Trump).

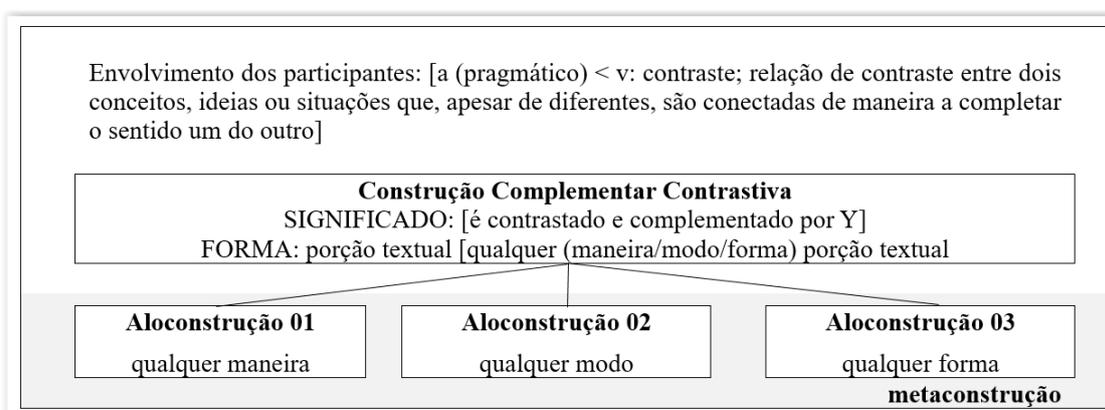
A análise proposta, com base no arcabouço teórico de Machado Vieira e Wiedemer (2020), parte de uma concepção construcionista da variação e da metaconstrução. Essa abordagem propõe que as construções variáveis, como as microconstruções “qualquer maneira”, “qualquer modo” e “qualquer forma”, não devem ser vistas como elementos isolados, mas sim como partes de uma rede de aloconstruções, que operam por meio de processos de generalização e diferenciação em contextos discursivos específicos. A análise qualitativa desses exemplos revela como essas construções, além de apresentarem uma possível variação linguística a ser investigada, desempenham funções discursivas e pragmáticas específicas, estabelecendo conexões e contrastes entre elementos de conteúdo e aspectos do discurso.

No primeiro conjunto de exemplos, com “qualquer maneira”, observamos uma função de atenuação e suavização do impacto da incerteza, enquanto a construção marca concessões, como em (03), ao suavizar a crítica e reforçar a importância da autonomia e da autenticidade da entrevistada nas redes sociais. Esse mesmo tipo de função pragmática é visto no segundo conjunto, com a microconstrução “qualquer modo”, observamos a função de relativização e atenuação do impacto de uma situação problemática. Por

exemplo, em (04), "de qualquer modo" indica uma transição discursiva que coloca em perspectiva a gravidade do estrago a curto prazo, direcionando a atenção para as consequências de longo prazo, suavizando o tom da crítica. Esse uso também exemplifica como a construção pode ser um marcador discursivo de concessão, como visto em (05) e (06), criando relações contrastivas entre diferentes aspectos da situação, como os problemas imediatos e as expectativas de melhoria, ou entre incerteza e uma conclusão específica sobre negligência.

Procuramos representar no esquema (02), a seguir, esses achados.

#### Esquema 02. Construção Complementar Contrastiva



Fonte: os autores.

A CCC manifesta-se por meio de diferentes formas, expressas pelas aloconstruções 01 (“qualquer maneira”), 02 (“qualquer modo”) e 03 (“qualquer forma”). Embora essas microconstruções possam, em muitos contextos, ser utilizadas de forma intercambiável, cada uma delas aporta uma camada específica de sentido que contribui para o significado central da construção, qual seja, o estabelecimento de uma relação concessiva com efeito contrastivo. Nesse sentido, a metaconstrução atua como um dispositivo linguístico que, ao englobar variações dentro de um mesmo campo semântico, evidencia o caráter dinâmico e multifacetado do discurso.

Em investigações futuras, será possível verificar se a variação entre essas construções está profundamente relacionada ao contexto pragmático, no qual atributos linguísticos, padrões de uso e práticas discursivas interagem na construção de sentidos.

## Considerações Finais

Este artigo investigou a CCC no português brasileiro, focalizando as expressões “qualquer maneira”, “qualquer forma” e “qualquer modo”. A CCC articula elementos que se complementam e contrastam simultaneamente. Observou-se que essas construções, embora intercambiáveis em muitos contextos, exercem funções pragmáticas específicas no discurso: (i) realçar a informação da segunda parte do enunciado, relativizando a anterior; e (ii) corrigir, especificar ou modificar o que foi previamente dito.

Nas ocorrências analisadas, a primeira função evidencia um uso concessivo: a construção com “qualquer X” atenua a primeira informação para destacar outra como mais relevante ideacional ou interpessoalmente. Já a segunda função atua como mecanismo de correção ou reorientação discursiva. Em ambos os casos, a segunda parte não anula a primeira, mas a complementa ou a reformula sob outra perspectiva, o que revela uma complexa relação semântico-pragmática de contraste e complementaridade.

Por fim, as microconstruções analisadas atuam como aloconstruções de uma mesma metaconstrução (CCC), cujos sentidos são definidos em interação com o contexto sócio-discursivo. A pesquisa sugere que estudos futuros ampliem a análise quantitativa e considerem outras expressões semelhantes, como “qualquer jeito” ou “qualquer situação”, para aprofundar a compreensão da variação e do funcionamento dessa família construcional.

## Referências

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: PubliFolha, 2011.

BARÐDAL, J. Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions, *BSL* 32, n. 1 2006, 2006. Berkeley Linguistics Society and the Linguistic Society of America.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions* 1, 2006, p. 1 28.

CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. 1 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- DAVIES, M. *O corpus do português. Corpus do Português*. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/x.asp>, 2016.
- DIAS, N. B. *As relações semânticas contrastivas na combinação de orações coordenadas com conectores não prototípicos*. Palestra no IV Seminário de Estudos do Português em Uso (PORUS). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2022.
- DIESSEL, H. *The Constructicon: Taxonomies and Networks*. (Cambridge Elements). Cambridge: Cambridge University Press, 2023.
- DUCROT, O. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ERVITI, A. I. An exploratory study of complementary contrastive discourse constructions in English. *Revista Española de Lingüística Aplicada*, n. 303, 2017, p. 210-239.
- GARCIA, A. da S. *Revista Solettras*, Ano X, nº 19, jan./jun.2010. Pronomes Indefinidos. Gonçalo: UERJ, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/7045/4984>. Acesso: 17/02/2025.
- GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. New Jersey: Princeton University Press, 2019.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to Functional Grammar*. 4th ed. London/New York: Routledge, 2014.
- HASPELMATH, M. *Coordinating Constructions*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.
- KELSO, J. A. S. An essay on understanding the mind. *Ecological Psychology. International Society for Ecological Psychology* 20 (2), p. 180–208, 2008.
- KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. New York: Oxford University Press, 1997.
- LAKOFF, R. If's and's and but's about conjunction. In: FILLMORE, C.; LANGENDOEN, T. (Ed.). *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 114-149, 1971.
- LANG, E. Adversative connectors on distinct levels of discourse: A re-examination of Eve Sweetser's three-level approach. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p. 235-256, 2000.
- LEINO, L.; ÖSTMAN, J. O. Constructions and variability. In: FRIED, M.; BOAS, H. C. *Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 192-213, 2005 (Constructional Approaches to Language).
- LINQUIST, S., EDOUARD MACHERY, P. E. STOTZ, G.: STOTX, K. Exploring the folkbiological conception of human nature. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences* 366 (1563), p. 444–453, 2011.

- LONGHIN, S. R.; FERRARI, L. Mudança no sistema de contraste do português: entre codificação e inferenciação. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 1–24, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1399>. Acesso: 17/02/2025.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (orgs.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. CAVALCANTE, S. A. S. Sociolinguística e gramática de construções: texto e discurso na perspectiva socioconstrucionista. In: PONTES, V. O.; COAN, M.; CAVALCANTE, S. A. S.; CARVALHO, H. M.; ARAÚJO, A. A. (orgs.). *Sociolinguística: interfaces e aplicações*. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 14-54 2024.
- MAURI, C. The parallelisms of clausal coordination. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, Orléans, n. 24, p. 145-175, 2008. NEVES, M. H. M. O coordenador interfrasal mas – invariância e variantes. *Alfa: Revista de Linguística*, Araraquara, v. 28, p. 21-42, 1984.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ÖSTMAN, J O. Construction Discourse: a prolegomenon. In: FRIED, M. (ed.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 121-144.
- PEZATTI, E.; THOMAZI, S. As construções coordenadas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 2. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.
- PEREK, F. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar: experimental and corpus based perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- RAYKOWSKI, W. *Cognitive Semantics: From sensations to Contrast, Opposition and Numbers*. *Frontiers*, 2023, p. 1-47 (preprint).
- RUDOLPH, E. *Contrast: adversative and concessive relations and their expressions in English, German, Spanish, Portuguese on sentence and text level*. Berlin: Walter de Gruyter, 1996.
- SILVENNOINEN, O. O. *Shaken, not stirred: A Constructional Grammar account of contrastive negation in English*. Thesis, University of Helsinki, 2013.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN PENKAL, L. (orgs.). *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. 1. ed. Guarapuava-PR: Editora da UNICENTRO, 2018. p. 41-78.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Paradigma Discursivo como (proto)construção: alternância linguística via práticas sociocomunicativas. In: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; MEIRELLES, V. (orgs.). *Variação em Português e em Outras Línguas Românicas*. São Paulo: Blucher, v. 01, p. 60-102, 2022.

**Recebido em:** 07/03/2025.

**Aceito em:** 15/04/2025.